



Cristiane Sousa
Ilustrações Juliana Chagas

O guardião dos livros



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Copyright © 2018 Cristiane Bezerra de Sousa
Copyright © 2018 Juliana Chagas

Governador
Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação
Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação
Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*
Márcio Pereira de Brito

*Orientadora da Célula
de Apoio à Gestão Municipal*
Gilgleanne Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*
Idelson de Almeida Paiva Júnior

*Orientadora da Célula
do Ensino Fundamental II*
Ana Gardennyia Linard Sírío Oliveira

*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*
Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Dias

Design Gráfico
**Emanuel Oliveira
Eduardo Azevedo**

Revisão Final
**Marta Maria Braide Lima
Sammya Santos Araújo**

Conselho Editorial
**Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Sammya Santos Araújo
Antônio Élder Monteiro de Sales
Sandra Maria Silva Leite
Antônia Varele da Silva Gama**

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725g Sousa, Cristiane.

O guardião dos livros / Cristiane Sousa; ilustrações de Juliana Chagas. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

24p. il.

ISBN 978-85-8171-241-3

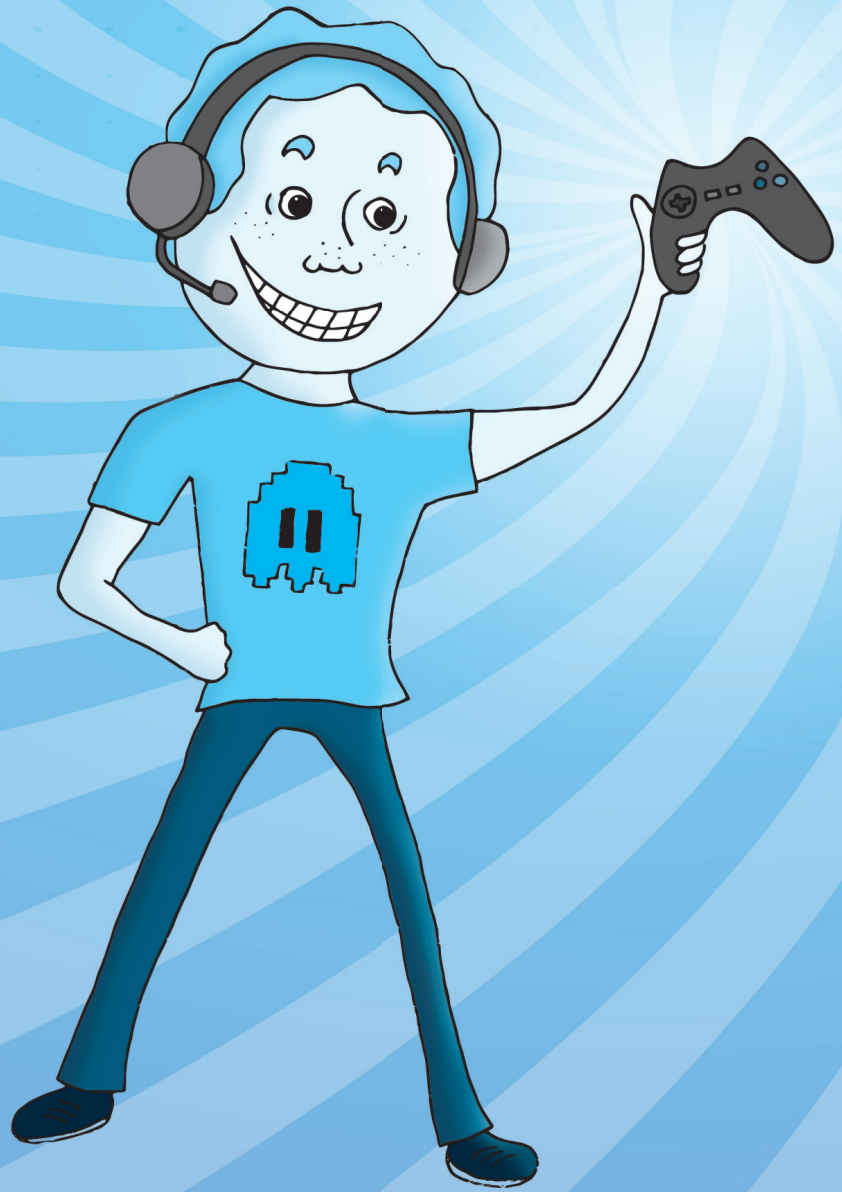
1. Literatura infantojuvenil. I. Chagas, Juliana. II. Título.

CDU 028.5



SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)

Para Eduardo e Saulo.



Jonas, garoto esperto de sardas no rosto e olhos ligeiros, numa monótona tarde na biblioteca, se deparou com aquilo que mudaria para sempre sua vida.

Ler, sem dúvidas, não era a predileção de Jonas, achava os livros tediosos, enfadonhos e chatos. Agora, salvar o mundo de um apocalipse zumbi, num jogo irado, era bom demais, muito melhor que qualquer livro. Era o que alegava quando seus pais tentavam persuadi-lo a ler.

No auge de seus quatorze anos, quase quinze, como dizia ele, o jovem ainda não sabia de que profissão gostava. Tinha medo de nunca saber. Eram tantas as decisões importantes a tomar, nos próximos anos, que sempre que parava para pensar nisso, acabava adiando o pensamento para a próxima vez, e depois para a próxima vez e mais uma vez para depois.

— Está decidido! – disse resolutivo, mas com ar de graça, num sábado, durante o café da manhã. Vou ser jogador de vídeo game!

A mãe que estava com o olhar perdido no ar, observando talvez a fumaça que saía de sua xícara de café, voltou-se rapidamente para ele.

— Ora essa! Não seja engraçadinho, isso você já faz, e de graça. E continuou até terminar de tecer todo o sermão de sempre que Jonas já sabia de cor. Iniciava com um “no meu tempo...”, lá pelo meio tinha um “você não é todo mundo” e terminava com o fatídico “enquanto você morar na minha casa, faz o que eu mandar”.

O pai, que até aquela altura ainda não tinha se pronunciado, o fez calmamente como alguém que há algum tempo já havia pensado naquilo.

— Você não nos dá outra escolha! Não vai mais passar as tardes jogando vídeo game!

— Vou fazer o que, então?

— Vá para a biblioteca! – sugeriu animada a mãe.

— Que biblioteca? Aquele quarto escuro com cheiro de mofo? Mãe, você sabe, né, que lá é cheio de fantasmas.

— E você não mata zumbi! Mate os fantasmas também! – respondeu a mãe com certo riso de satisfação nos lábios, continuou – se o grande empecilho for o cheiro de mofo, considere resolvido. Faça uma boa faxina lá!



A biblioteca a que a família se referia era um cômodo quase esquecido da casa. No imaginário de Jonas era um espaço sem utilidade, “entupetado” de livros velhos e que, provavelmente, era lar de alguns fantasmas, a tirar pelos barulhos e ruídos estranhos que se ouvia de lá em certas ocasiões.

A casa havia pertencido ao velho Aurélio, a biblioteca era seu lugar preferido. Passava horas lá, limpando, organizando e lendo. Tinha equipado a biblioteca com os grandes clássicos da literatura, sabia de memória a quantidade e a exata localização de cada livro nas estantes, aquele lugar era seu orgulho. Cuidava dela com muito esmero. Parecia até que aquele espaço tinha vida. Lá, ele nunca se sentia sozinho e esperava, ansiosamente, a visita dos netos para lhes falar dos livros, ler para eles. Tinha planos de jamais se separar de seus livros, passaria, tranquilamente, o resto de sua vida ali, mas, traiçoeiramente, a saúde lhe faltou e a filha veio buscá-lo para morar com ela no interior. Não teve escolha, na casa da filha não havia espaço para tantos livros e ele chorou, copiosamente, ao ter que deixar a biblioteca. Antes de

ir, despediu-se de cada um, deu uma boa olhada neles, pela última vez, colocou embaixo do braço um exemplar de “A volta ao mundo em 80 dias”, de Júlio Verne, seu livro preferido desde a infância, fechou a porta e pendurou a chave num chaveiro que ficava no corredor.

Quando Mônica e Carlos se mudaram para a casa, na época em que Jonas ainda era um bebê de colo, viram a biblioteca como um achado fortuito, embora não fossem exímios leitores, era sempre bom ter livros em casa e se dedicariam à tarefa de incentivar o filho ao hábito da leitura, desde cedo. De fato, nos primeiros anos, eles até entravam lá, compraram alguns livros que, no final das contas, acabaram em cima da mesinha, compartilhando uma grossa camada de poeira com os outros e dividindo espaço com os objetos, que iam perdendo o uso, como era o caso de dois ventiladores quebrados, da antiga bicicleta de Jonas e de outro tanto de quinquilharias.

Agora, porém, depois do empenho dos pais em organizar o lugar, as coisas seriam diferentes.

Gastaram todo o fim de semana para limpá-lo, trocaram as lâmpadas queimadas, passaram uma boa camada de tinta nas paredes manchadas de mofo, substituíram a lateral de uma estante que ameaçava desabar e, de bônus, ainda encontraram um álbum de fotografias antigas que já haviam dado por perdido. Tudo estava pronto para que o filho a inaugurasse na segunda.

Ele assim o fez, mas não sem demonstrar toda sua insatisfação mantendo-se taciturno durante todo o almoço. Após a refeição, dirigiu-se pesaroso pelo corredor até a masmorra, ele assim a chamava, antes de entrar no quarto, voltou-se para os pais e perguntou:

— Os senhores carrascos têm alguma recomendação?

Mônica quase riu.

— Não, apenas deixe de drama e divirta-se com a leitura!

— Divertir, divertir, só se for! Não vou ler nada!
— resmungava em voz baixa.

Ao entrar não pôde deixar de ficar surpreso com o lugar, desde pequeno não entrava ali, e sem toda aquela bagunça estava bonito, parecia ter mais espaço, mas isso não mudava nada, odiava estar ali e estava decidido a passar o tempo todo lá, sentado, porém sem ler nada. Nos primeiros dias, as tardes pareciam intermináveis, as horas não passavam e, no fim da primeira semana, já não tendo mais jeito para ficar sentado naquela cadeira dura, levantou-se para dar uma volta rápida entre as estantes.

Eram três longas estantes de madeira escura que combinadas com as paredes, igualmente repletas de livros, formavam uma espécie de pequeno labirinto. Na prateleira de uma delas, esquecida entre os livros, Jonas encontrou aquilo que, mesmo sem entender, seria a chave para o mistério que estava por vir. Tratava-se de uma velha prancheta metálica, carcomida pela ferrugem, com alguns papéis presos pela haste superior. Os papéis tinham algumas nódoas amareladas, eram escritos à mão e pareciam pertencer ao velho Aurélio. Uma delas, a terceira folha apresentava uma lista de tarefas.



Jonas a desprende da prancheta para ler melhor. A lista estava organizada da seguinte maneira:

1. *Dar água e comida para a Baleia*
2. *Entregar a carta do Visconde ao Capitão.*
3. *Fazer companhia ao pobre Gregor.*

— Eita velho caduco! Dar água para uma baleia?! Entregar uma carta a um capitão e de um visconde?! Coitado não estava como juízo certo! – disse isso olhando para uma moldura pendurada na parede cuja foto, em preto e branco, era de Aurélio jovem, sorrindo entre pilhas de livros.

Nesse ínterim, começou a ouvir um barulho vindo da primeira estante, não pôde reconhecer do que se tratava, mas, lembrando-se dos sons sinistros que ouvia na infância, vindos daquele quarto, não teve dúvidas, era arte de alguma assombração. Largou o papel no chão, mirou o corredor que dava para a cozinha e saiu correndo sem olhar para trás.

Por sorte, o dia seguinte era sábado e ele não precisaria ir à biblioteca. Usou boa parte do domingo, tentando convencer os pais de que coisas sobre-

naturais aconteciam naquele quarto. Foi em vão. Decerto, pensaram, era alguma artimanha do filho para voltar à rotina de vídeo game.

Sem a ajuda dos pais, Jonas, apesar do receio constante, não teve saída se não retomar as atividades na biblioteca. Sentou-se junto à mesa, em posição ereta e semblante de atenção máxima a tudo. Foi relaxando com o passar das horas, levantou-se e por pura ociosidade resolveu pegar um livro para folhear e ver as ilustrações. Escolheu um volumoso, capa dura, folhas amareladas, nome dourado na capa, “O Guarani”, de José de Alencar, folheou ali mesmo, de pé encostado numa parede de livros. Deteve-se uns instantes lendo, na parte de trás, a sinopse do livro, antes de concluir a leitura foi interrompido por um ruído estranho vindo, de uma prateleira.

— É uma assombração, aposto!

Diferente do outro dia, agora ele não correria, tinha que ver, descobrir o que era. Foi se aproximando devagar, pisando macio, de coração acelerado, ouvidos atentos. Com a sua precipitação, o som

foi se assemelhando a um grunhido, um rosnar de algum animal ofegante. Finalmente, quando entrou no corredor formado pela última prateleira e a parede, avistou a surreal fonte do barulho. Aproximou-se mais ainda para assegurar que não se tratava de uma alucinação e parou boquiaberto e quase petrificado diante da quarta divisória de livros, frente a frente com um cão minúsculo, recém-saído de um entreaberto livro de capa alaranjada. O cachorrinho não latia, abanava o rabo, farejava, parecia procurar algo. Era um tanto magro, dava para ver suas costelas, parou um instante quando viu seu espectador, abanou o rabo contente, lançou um olhar sagaz para o garoto, parecia gente.

Jonas, por sua vez, estava extasiado, custava acreditar no que via, aproximou a mão ao pequeno animal e ele retribuiu com uma lambida em seu dedo. Foram interrompidos pelo barulho da mãe que entrara na cozinha falando ao telefone. O cão, como que se sentindo ameaçado, entrou correndo no livro, e o rapaz não teve dúvidas, pegou o livro rapidamente, apertou-o nas mãos e o levou

para seu quarto, a fim de descobrir mais sobre o cachorro mágico.

O livro misterioso parecia velho, assim como tantos outros da biblioteca, apresentava a gravura de um sertanejo na capa e tinha por nome “Vidas Secas”, do autor Graciliano Ramos. Pôs o livro sobre a cama e ficou aguardando o animal aparecer. Abriu e fechou o livro várias vezes e nada aconteceu. Decidiu então ler. Já nas primeiras páginas descobriu que o animal, na verdade, era uma cachorra e se chamava Baleia, um ser esperto de sentimentos e atitudes nobres que acompanhava sua família de retirantes em meio à sequeidão do sertão. Leu, leu, leu com voracidade, se envolveu naquela história, aquelas pessoas, aquela cachorra, até que se deparou com o capítulo IX e, quando deu por si, as lágrimas empastavam-lhe a vista e ele se sentiu profundamente devastado com o destino de Baleia. Concluiu o livro e sentiu um buraco aberto em sua imaginação. Rapidamente se lembrou da lista de afazeres do velho Aurélio, no número 1 da lista, dar água e comida para a Baleia.



“É claro, a bichinha tem fome e sede, por isso sai do livro!” Pensou.

Desceu as escadas, na ponta dos pés, para não acordar os pais àquela altura da madrugada, passou pela cozinha, apanhou um pires e o encheu com água gelada, abriu a geladeira e cortou um minúsculo pedaço de bife. Em seguida, abriu a biblioteca, pôs o livro onde o pegou, colocou os alimentos a sua frente e ficou esperando Baleia aparecer. Alguns minutos depois, ela ainda não tinha aparecido, então, ele resolveu chamar por ela.

— Baleia, Baleia, venha cá, menina, venha!
– dizia isso estalando os dedos.

Aos poucos, o livro foi se abrindo e Baleia saiu de lá, quase que sorrindo, avistou a água e a comida, abocanhou contente, bebeu balançando o rabo, olhou para Jonas, profundamente, como alguém que agradece e voltou para seu livro.

Não demorou muito para o jovem perceber que todos os itens da lista de Aurélio envolviam personagens de livros, porém, como não costumava

ler, não sabia de que histórias eram. Esperou que lhe aparecessem, como fez Baleia, mas eles não vieram, e às tardes era só ele e a pequena cachorra, que aparecia, bebia, comia, procurava um afago, agradecia com toda sua ternura e ia embora. Ele era feliz nessa tarefa, amava aquela criatura, seria seu fiel guardião.

Nas semanas seguintes, empenhou-se em descobrir os outros personagens, passou a ler com mais frequência, a se aventurar nas leituras, e foi assim, como que por um sopro de sorte que ele encontrou o Gregor do item 3. Era o personagem principal de um livro de Franz Kafka, “A metamorfose”. Ficou aturdido com o que dizia já no primeiro parágrafo do texto. Em resumo falava que Gregor Sansa, um caixeiro viajante, tinha acordado certa manhã metamorfoseado num inseto monstruoso.

— Como era possível? – pensava ele surpreso. Não é à toa que precisa de companhia!

Daquela dia em diante, cumpria suas tarefas, alimentava sua amiga e abria o livro do senhor Sansa para lhe fazer companhia. Embora o caixeiro qua-

se nunca falasse, Jonas tagarelava pelos dois e, em certas ocasiões, até lia para ele. Como estava conhecendo os escritores cearenses, leu para o solitário companheiro “Iracema”, de José de Alencar. Não soube se Gregor gostava de leitura, mas preferia acreditar que sim.

Diante da satisfação dos pais, o rapaz, agora por prazer, via as horas passarem rapidamente quando estava na biblioteca, sempre lendo, descobrindo cenários fascinantes e personagens incríveis, que mesmo sem sair de seus livros eram encantadores.

E foi numa dessas tardes de leitura que conheceu as paisagens poéticas descritas pelas palavras de Raquel de Queiroz, a beleza nostálgica com que Adolfo Caminha descreveu a Fortaleza do final do séc. XIX, nas páginas da “Normalista”. Perdeu-se nas aventuras de Geraldo Viramundo de “O grande Mentecapto”, e no meio de tanta leitura, foi tecendo conjecturas e, finalmente, encontrou o Visconde e o Capitão da lista. Eram ninguém menos que o Visconde de Sabugosa, da imortal obra de Monteiro





Lobato que trocava correspondência com o enigmático e austero condutor do submarino “Nautilus”, o Capitão Nemo do livro “20 mil léguas submarinas”, de Júlio Verne. Os dois tiveram a troca de cartas interrompidas com a partida de Aurélio e ficaram contentes quando o jovem guardião dos livros se prontificou em levar e trazer as cartas.

Dali em diante, não pararam de surgir mais e mais personagens com suas histórias extraordinárias e, no fim de um ano inteiro de tardes na biblioteca, Jonas não era mais o mesmo, fora modificado pela leitura e, embora ainda tivesse muitas decisões importantes a tomar sobre seu futuro, uma coisa era certa, não se cansava de descobrir coisas novas, costumes e culturas diferentes, de viajar para terras distantes num simples ato de abrir um livro e começar a ler, e aonde quer que fosse ou quem quer se tornasse, os livros estariam com ele, seria para sempre guardião dos livros.



Cristiane Sousa

Oi! Sou Cristiane Sousa, aquela que sempre anda com um livro, seja na mão, na bolsa ou no pensamento! Sou historiadora e professora. Desde criança gosto de ler e de me aventurar no mundo das palavras que moram no papel. Acredito no potencial transformador da leitura, por isso amo dar vida a personagens que povoam a minha imaginação, esperando que eles toquem de alguma forma o leitor. Este é meu quarto livro publicado, precedido de “As Aventuras de Bernardo e Muriçoca”, “Arraial da Bicharada” e “Uma princesa diferente?”. Desejo que assim como Jonas, o “guardião dos livros”, você possa descobrir a magia da leitura!



Juliana Chagas

Oi! Sou Juliana Almeida Chagas, nasci em Fortaleza-CE onde resido. Estudei Artes Plásticas no IFCE, em 2007, e sou mestre em Sociologia pela UFC desde 2015. Tenho paixão pelas Artes em geral mas me aventuro no universo das ilustrações e intervenções urbanas. Acompanhe minhas produções em www.flickr.com/photos/juwv. Um abraço!